

o estudo do léxico especializado que acabou se reaproximando dos domínios lingüísticos, dando origem à chamada *lingüística de especialidade*.

Já, *Relações semânticas entre unidades léxicas com valor especializado e descritores*, de Andreina Adelstein e Judit Feliu, trata da relação entre a terminologia e a documentação. Mais precisamente procura analisar a relação semântica que se estabelece entre uma unidade léxica com valor especializado e os descritores. A partir da análise da definição de alguns termos em dicionários e de sua aplicação como descritor para recuperação de informação bibliográfica, as autoras estabelecem alguns parâmetros para identificar a distância semântica existente entre termos e descritores. Com base nos resultados obtidos, as autoras sugerem a necessidade de flexibilização dos tesauros ou a sua complementação com outros tipos de informação para dar conta do fenómeno da variação que ocorre nas áreas especializadas para, deste modo, obter maior precisão na recuperação de documentos.

O artigo *As definições de conceitos especializados em dicionários monolíngües* mostra que a concepção da definição lexicográfica como um dos elementos mais importantes do dicionário monolíngüe geral nem sempre é suficiente para dar conta do significado de conceitos especializados. A partir da análise de um conjunto de entradas em vários dicionários do espanhol e do catalão, Cristina Gelpí e Núria Castillo concluem que todo o verbete fornece informações importantes sobre a entrada.

Em seu conjunto, o material textual aqui apresentado, traduzido por estudantes de graduação, de pós-graduação e docentes do Instituto de Letras, da UFRGS, oferece um panorama amplo e atual da disciplina. Além disso, pode ser visto não apenas como fonte de referência ou pesquisa para profissionais em formação, para estudantes de Pós-Graduação em Terminologia, mas também como importante instrumento de aproximação entre distintas áreas de conhecimento, ao proporcionar a professores de outras disciplinas, notadamente as relacionadas à teoria e à prática da tradução, alguns elementos teóricos e metodológicos fundamentais para subsidiar e enriquecer seu conhecimento sobre as aplicações da terminologia no contexto do ensino da atividade tradutória.

Na expectativa de que *A Terminologia em foco* cumpra a sua finalidade, agradecemos o trabalho voluntário das tradutoras e revisoras e aos autores e autoras a permissão para a publicação dos artigos traduzidos.

Porto Alegre, julho de 2004

Luzia Araújo & Maria da Graça Krieger
Organizadoras

A TERMINOLOGIA HOJE: CONCEPÇÕES, TENDÊNCIAS E APLICAÇÕES*¹

María Teresa CABRÉ²

Tradução: Susana Kerschner³

Revisão: Luzia Araújo⁴

PROPOSTAS PARA UMA ORGANIZAÇÃO DA TERMINOLOGIA NA ESPANHA

Pouco a pouco, parece que o amplo reconhecimento da terminologia como uma disciplina séria vai avançando. E a Espanha, apesar de tudo, tem-se somado a este processo, ainda que seja difícil atrair a atenção dos lingüistas para este campo do saber e custe a interessar aos especialistas em outras matérias por ser uma reflexão de fundamentos que vai além da pura e simples utilização funcional.

Neste artigo, como o título indica, proponho-me a oferecer uma visão panorâmica, embora não isenta de crítica, sobre a terminologia hoje em uma vertente tripla: sua concepção, as orientações ou tendências que a desenvolvem, e, finalmente, suas múltiplas e variadas aplicações.

Antes de abordar o tema, deixem-me enfatizar a condição plural dos três substantivos que delimitam o título: concepções, tendências, aplicações. Para mim, a terminologia, embora pareça estranho aos que só a relacionam com padronização ou normalização, é, acima de tudo, representativa da diversidade. E essa diversidade manifesta-se nas diferentes

* Uma primeira versão deste artigo foi apresentada na conferência inaugural do curso dirigido pelo Dr. José A. Pascual "A terminologia nas línguas da Espanha" da Universidade Internacional de Menéndez Pelayo de Santander (agosto de 1995). Versão espanhola do artigo "Terminology today", publicado em *Terminology, LSP and Translation. Studies in Language Engineering in Honour of Juan Carlos Sager*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1996. 15-33.

¹ Traduzido com a permissão da autora a partir do texto em espanhol "La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones", publicado em Cabré, M. T. *La terminología – Representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999, pp. 17-38.

² Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.

³ Aluna de pós-graduação, Instituto de Letras, UFRGS.

⁴ Tradutora, Bolsista RD-CNPq e professora colaboradora, Instituto de Letras, UFRGS.

concepções da disciplina, nas diferentes matérias que a compõem e nas diferentes funções que permite cumprir, além da variedade de práticas que oferece, da diversidade de usuários que se servem dela, da diversidade de organizações que a tratam. Estou longe, pois, da concepção monolítica e rígida da terminologia, tão difundida pelos países centro-europeus, e perto dos que defendem uma terminologia diversa, adaptada ao meio em que se trata, concebida de acordo com finalidades específicas, por isso acredito que por trás dela não existe mais que pluralidade, diversidade e multifuncionalidade. E, como pano de fundo da diversidade, por mais paradoxal que possa parecer de início, unidade de bases, unidade de objeto científico, unidade de campo de pesquisa; em suma, unidade de disciplina. O título desta conferência resume, de modo sintético, a posição que tentarei desenvolver: uma só matéria, “a terminologia”, com um poliedro de bases teóricas (as concepções), de enfoques (as orientações), de práticas (as aplicações).

I. CONCEPÇÕES DA TERMINOLOGIA

1. É amplamente conhecida a polissemia do termo terminologia, que nos remete pelo menos a três noções: a) disciplina, b) prática e c) produto gerado por essa prática. Como disciplina é a matéria que se ocupa dos termos especializados; como prática é o conjunto de princípios destinados à compilação de termos; e, como produto, é o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. Vemos, pois, já desde o princípio, a marca da diversidade.

1.1 A terminologia, em sua primeira acepção, é concebida como a disciplina que se ocupa dos termos especializados. Mesmo que esta definição pareça contundente, a análise de cada um dos segmentos que a compõem abre um leque de questões que devemos responder para delimitar o âmbito de trabalho.

- A terminologia é uma *disciplina*:
É realmente uma disciplina, ou se trata simplesmente de uma técnica?
Se é uma disciplina, que tipo de disciplina é? Científica ou pré-científica? Teórica ou aplicada? Descritiva ou explicativa?
É uma disciplina lingüística ou transcende a lingüística?
- A terminologia é uma disciplina que *se ocupa dos* termos especializados:
Que sentido tem *ocupar-se dos termos*?
Analisá-los?
Compilá-los em glossários?
Propor-lhes uma forma padrão?

1.2 A terminologia, em sua segunda acepção, é concebida como o conjunto de diretrizes ou princípios que regem a compilação de termos. Novamente nos encontramos com uma ampla gama de questões problemáticas:

- Estas diretrizes existem?
- Têm uma validade universal?
- Até que ponto estão normalizadas?

1.3 Finalmente, a terminologia, em sua terceira acepção de produto gerado pela prática, define-se como o conjunto dos termos de uma área especializada. Também esta definição abre perguntas a que se deve responder:

- A terminologia como conjunto, é um conjunto organizado, fechado, específico?
- A terminologia como conjunto de termos:
O que são termos?
Em que se diferenciam das palavras?
São signos da linguagem ou abrangem também expressões não-lingüísticas?
- A terminologia como o conjunto dos termos de uma área especializada:
O que significa especializado?
Podemos falar de linguagens de especialidade?
Ou devemos falar mais propriamente de léxicos de especialidade?
As linguagens de especialidade são conjuntos fechados?
São claramente delimitáveis?
Podemos falar de diversidade nos âmbitos especializados?

Como podem ver, ao mesmo tempo, há muitas perguntas para tentar definir a terminologia de uma só vez. Por isso, vamos tentar dar a resposta a algumas questões básicas de maneira ordenada, em primeiro lugar, analisando o objeto e, em seguida, tentando delimitar o tipo de disciplina que trata desse objeto.

2. A terminologia como objeto

Como dissemos anteriormente, a terminologia ocupa-se dos termos de especialidade. Mas, o que entendemos por termos de especialidade? Para esclarecer esse ponto, é necessário partir de uma tripla concepção que existe sobre os termos sob a perspectiva de disciplinas distintas.

Para a *lingüística*, os termos são o conjunto de signos lingüísticos que constituem um subconjunto dentro do componente lexical da

gramática do falante. A posição da lingüística é clara: os termos não se diferenciam das palavras do componente lexical, são unidades do léxico da gramática que fazem parte da competência do falante-ouvinte ideal. Esta competência pode ser geral (comum a todos os falantes) e especializada (restrita a grupos de falantes). A terminologia específica (e não a banalizada, nem a fundamental do tronco comum das áreas técnico-científicas) faria parte da competência especializada. Os termos são, para a lingüística, uma maneira de *saber*.

Para a filosofia, a terminologia é um conjunto de unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado. Estas unidades têm uma vertente dupla: por um lado, são unidades de conhecimento, pois os falantes aproximam-se do mundo através delas; por outro lado, são unidades de representação, que dão uma idéia da organização do mundo especializado (ou pelo menos de como os falantes percebem o mundo especializado). Os termos são, pois, uma maneira de *conhecer*.

Para as diferentes disciplinas técnico-científicas, a terminologia é o conjunto das unidades de expressão e comunicação que permite transferir o pensamento especializado. O importante nesta concepção é o valor de intercâmbio dos termos, por isso decidimos que são para as especialidades uma maneira de *transferir*, de *comunicar*.

Nas três concepções, observamos alguns pontos coincidentes e outros divergentes. De fato, as três disciplinas concebem a terminologia como um *conjunto de unidades* com uma *finalidade essencial*, portanto com um valor funcional, embora se diferenciem por dois fatores:

- O primeiro, a concepção distinta que têm estas unidades: para a lingüística, são unidades de significação; para a filosofia, unidades de cognição; e, para as especialidades, unidades de denominação.
- O segundo, a função prioritária que as três disciplinas lhe atribuem: a lingüística, a função de significar; a filosofia, a de representar; e as especialidades, a de denominar.

Diante deste cenário de diferenças, parece coerente perguntar se, na realidade, está-se falando de um mesmo objeto ou de objetos científicos distintos. A resposta a esta questão só encontramos na concepção de base do termo como objeto. De fato, de acordo com o conceito de signo de Ogden e Richards, o termo é concebido como uma unidade poliédrica, composta de três elementos: o significado ou conceito, o nome ou denominação, e a coisa ou referente.

Com isso, à questão proposta anteriormente sobre se, na realidade, trata-se ou não de um mesmo objeto: efetivamente é o mesmo objeto,

mesmo que cada disciplina priorize (e deixe de lado) aspectos distintos. Lingüística, filosofia e especialidades diferenciam-se na concepção do termo como objeto:

- a) Porque priorizam aspectos diferentes dessa unidade poliédrica: a lingüística prioriza a relação nome-significado; a filosofia, a relação coisa-significado; e as especialidades, a relação coisa-nome.
- b) Porque têm uma concepção global diferente do objeto: para a lingüística é um signo lingüístico (no sentido de signo oral articulado); para a filosofia é, fundamentalmente, um conceito, uma representação da realidade; para as especialidades é uma unidade de expressão e denominação que inclui o lingüístico e o não-lingüístico.
- c) Porque dão a estas unidades finalidades prioritárias distintas: a lingüística prioriza a significação; a filosofia, a cognição e a representação; e as especialidades, a denominação para a transferência.
- d) Finalmente, porque em cada disciplina os termos estabelecem relações distintas com outras unidades. De fato, na lingüística, os termos mantêm relações de signo horizontal e vertical com o restante das unidades dos componentes da gramática; horizontais no interior do componente léxico; verticais com as representações geradas pelos componentes sintático e fonológico, e, inclusive, o próprio componente léxico. Na filosofia, o termo relaciona-se, fundamentalmente, com outros termos no sentido de conceitos, estabelecendo assim, uma rede complexa de relações lógicas e ontológicas diversas que pretendem representar o conhecimento que interiorizamos da realidade. Finalmente, para as especialidades, os termos relacionam-se prioritariamente com outros termos do mesmo âmbito de comunicação, configurando, deste modo, uma série de conexões (ou “campos terminológicos”) que pretendem representar organizadamente a realidade especializada.

Em resumo, voltando à questão proposta antes sobre se, diante da concepção distinta que a lingüística, a filosofia e as especialidades têm do termo, trata-se de um mesmo objeto ou de objetos distintos, devemos responder claramente que se trata do mesmo objeto: para as três disciplinas, a terminologia é o conjunto de termos, concebido como unidade sgnica de três faces (coisa-nome e significado) que fazem referência à realidade especializada. As diferenças que podemos perceber limitam-se simplesmente a posições ou priorizações distintas, seja em relação ao

âmbito situacional (a gramática, a ciência cognitiva ou o domínio especializado), à priorização da perspectiva com a qual se enfoca o termo (signo lingüístico, unidade conceitual ou simplesmente signo), ou ainda à função prioritária que atribuem ao termo (a significação, a representação ou a denominação).

3. A terminologia como disciplina

Como dissemos anteriormente, em sua primeira acepção, a terminologia é concebida como a disciplina que se ocupa dos termos especializados. E ressaltamos que, apesar de ser categórica, esta definição revelava aspectos frágeis sem cuja resolução dificilmente teríamos um âmbito de trabalho delimitado. Vejamos, pois, como podemos estabelecer os limites da disciplina.

- a) Uma primeira posição defende que se trata de uma disciplina autônoma e auto-suficiente, isto é, uma matéria absolutamente original, dotada de fundamentos próprios, embora evidentemente conectada a outras disciplinas historicamente. Esta seria a posição dos defensores da Teoria Geral da Terminologia, para os quais a terminologia não é linguagem propriamente dita, mas inclui a linguagem.
- b) Uma segunda proposta defende que a terminologia não é uma disciplina autônoma e sim parte de outra disciplina, que para alguns é a lingüística, para outros a filosofia e para outros, ainda, as especialidades. Aceitar esta posição significaria que a terminologia não teria nenhuma autonomia, mas que seria um mero apêndice de outra disciplina.
- c) Uma terceira posição sustenta que a terminologia é uma matéria autônoma de caráter interdisciplinar que configurou sua própria especificidade, selecionando elementos das matérias das quais é devedora e construindo seu próprio âmbito científico. Neste sentido, diferencia-se da lingüística tanto em seus aspectos teóricos quanto em suas aplicações.

Nesta diversidade de escolhas, nossa posição centra-se na terceira opção. Nesta linha, assumimos que a terminologia é uma *interdisciplina*, constituída por elementos procedentes da base da lingüística, da ontologia e das especialidades, ligada necessariamente à documentação, da que se serve e à que serve, e usária e, ao mesmo tempo, contribuinte das novas tecnologias da informação.

É uma disciplina, no sentido de que possui bases teóricas delimitadas e um objeto de estudo definido. Como disciplina tem, como qualquer outra matéria, uma vertente teórica e uma vertente aplicada e gera

aplicações específicas. Sua vertente teórica responde a um modelo determinado, coincidente, em parte (embora só em parte), com o da lingüística. Não é, portanto, uma disciplina original em seu sentido mais pleno, e sim uma disciplina devedora de outras matérias das quais toma determinados fundamentos. No entanto, é uma disciplina original em um duplo sentido: primeiro, porque seleciona de cada uma das matérias fonte bases específicas com a exclusão de outras (ou seja, não toma todos os elementos da lingüística, nem sequer todos os da lexicologia, nem tampouco todos os da morfologia ou da semântica lexical); em segundo lugar, porque reconfigura estes fundamentos, construindo um espaço próprio e diferenciado de outros campos científicos, original em relação ao objeto, ao âmbito, em suma, em relação ao método e aos objetivos que persegue.

Uma das disciplinas que nutre, de forma mais sistemática, a base conceitual da terminologia é a lingüística; como ela, ocupa-se da linguagem, suas unidades de estudo são basicamente linguagem. No entanto, dizer que a terminologia é linguagem não significa afirmar que coincide com a lingüística ou que seja parte da lingüística. A terminologia diferencia-se da lingüística tanto na teoria quanto na prática. De fato, no que se refere à teoria, a terminologia distingue-se da lingüística em aspectos de fundamento tão cruciais como a concepção de linguagem, a concepção do objeto de estudo da disciplina, as perspectivas de estudo do objeto, a priorização de determinados aspectos em detrimento de outros, e, ainda, nas finalidades prioritárias.

Como prática, ou melhor, como disciplina aplicada, a terminologia distingue-se da lexicologia aplicada por sua metodologia, fundamentalmente no que se refere aos seguintes elementos: os dados que compila, o método de compilação, o tratamento dos dados e, finalmente, sua apresentação em forma de glossários.

a. A concepção de linguagem

A teoria lingüística tem como objeto de estudo a linguagem; a concepção desse objeto muda em terminologia. Efetivamente, a lingüística parte da linguagem através de uma amostra idealizada, própria de um falante também idealizado, para poder dar conta, explicar, a competência; a terminologia, no entanto, parte de uma linguagem real (portanto, toma os dados da documentação) para dar conta da denominação especializada.

Como prática, ou melhor, como disciplina aplicada, a lingüística e a terminologia, como já assinalou Wüster, diferenciam-se claramente tanto por sua concepção de linguagem quanto pelos aspectos relativos à formação dos termos.

No que se refere à concepção de linguagem, a lexicologia, como parte da lingüística que se ocupa do léxico, não concebe o significado se não estiver vinculado à palavra; a terminologia, pelo contrário, considera que o conceito — seu núcleo de atenção — é prévio e pode ser concebido independentemente da denominação que o termo designa.

A lexicologia, por sua vez, jamais prescinde da gramática. As palavras nos dicionários são descritas levando em conta sua possível utilização em contexto, e essas mesmas palavras são concebidas como um degrau necessário para o discurso.

Para a terminologia, no entanto, os termos interessam por si mesmos, sem nenhum interesse por sua flexão (que lhes dá a forma morfológica adequada no contexto) ou por sua sintaxe (que os insere no contexto gramatical apropriado).

Finalmente, enquanto a lingüística distingue e engloba juntamente os aspectos sincrônicos e diacrônicos das palavras, a terminologia ortodoxa só se interessa pela sincronia de suas unidades.

No que concerne a todos os aspectos relativos à formação de termos ou palavras (aspecto que Wüster denomina “formação consciente da língua”), a lingüística geral, e em consequência a lexicologia, defendem a livre evolução das línguas e rejeitam qualquer tipo de intervenção; não se interessam pelos aspectos prescritivos da linguagem e se opõem à normalização (no sentido de escolha e fixação de uma forma em detrimento de outras). A terminologia, em sua concepção majoritária, não evita a intervenção, uma de suas aplicações consiste na fixação de formas normalizadas e se distancia, portanto, das propostas puramente descritivas da lingüística.

Em segundo lugar, a terminologia concebe os termos em um sentido internacional, e por isso tende a privilegiar os modos de formação que, nas linguagens de especialidade, aproximam as línguas históricas entre si. Este fenômeno conduz à adoção de critérios internacionais de formação de termos, e a orientações de trabalho cuja validade ultrapassa o âmbito particular de cada língua. Por essa razão, a terminologia prioriza a formação de termos mediante formantes greco-latinos.

No panorama desta internacionalização, a terminologia age exclusivamente sobre a forma escrita das palavras (tanto sobre sua forma plena ou desenvolvida quanto sobre suas variantes, como siglas e abreviaturas), e não intervém sobre sua pronúncia, que é um dos aspectos prioritários da lingüística.

b. O objeto de estudo

Inicialmente, podemos afirmar que a lexicologia, dentro da lingüística, ocupa-se do estudo das palavras; a terminologia, do estudo dos termos.

Efetivamente, a lexicologia centra-se na análise e descrição da competência léxica do falante. Para dar conta dela, supõe que todo falante conhece uma lista de palavras (que lhe permite intercambiar informação com outros falantes da mesma língua), um conjunto de regras de formação de palavras (que lhe permite criar novas palavras), e um conjunto de dados lingüísticos e enciclopédicos sobre cada palavra (que explica como o falante as utiliza correta, precisa e adequadamente em cada situação de comunicação).

A terminologia centra-se unicamente nos termos, ou palavras próprias de uma área de especialidade (como a física, a química, a antropologia ou o desenho artístico), ou de uma área profissional (como o comércio, a indústria, os esportes, etc.).

O campo de trabalho de ambas as matérias não é, pois, coincidente: o campo da lexicologia é mais amplo e inclui o da terminologia. Pelo critério do campo de trabalho, a terminologia seria parte da lexicologia. Mas isso só seria assim se termo e palavra fossem uma mesma unidade, um mesmo objeto, opção que não compartilhamos. Efetivamente, como veremos a seguir, termo e palavra são unidades parecidas, mas, ao mesmo tempo, diferentes.

Uma palavra é uma unidade descrita por um conjunto de características lingüísticas sistemáticas e dotada da propriedade de referir-se a um elemento da realidade.

Um termo é uma unidade de características lingüísticas similares, utilizada em um domínio de especialidade. Deste ponto de vista, uma palavra que faz parte de um âmbito especializado seria um termo.

Uma análise lingüística da terminologia, de qualquer âmbito de especialidade, não permite detectar nenhuma especificidade dos termos em relação às palavras do léxico comum. Uma palavra é, do ponto de vista lingüístico, uma unidade que se caracteriza por ter uma forma fônica e gráfica, uma estrutura morfológica simples e complexa, uma caracterização gramatical e um significado que descreve a classe à qual pertence um determinado objeto. O termo é também uma unidade que apresenta as mesmas características. No entanto, se analisarmos as unidades de um inventário terminológico em seu conjunto, e as contrastarmos com as palavras do dicionário, poderemos observar alguns elementos específicos que dão apoio à tese de que são unidades diferentes. Assim, por exemplo, os modos de formação de termos não têm a mesma frequência que as palavras do léxico geral. Em terminologia, as unidades compostas por formantes cultos e as construções sintagmáticas fixas costumam ter um rendimento muito mais elevado que em lexicologia geral. Isso não descarta que os termos utilizem os mesmos formantes morfológicos que as palavras, nem que as

regras lexicais de formação sejam também as mesmas, mas a presença de determinados formantes de origem greco-latina e a frequência de estruturas sintagmáticas em terminologia introduzem um fator de diferenciação.

Junto a essa característica diferenciadora, também encontramos outros elementos de divergência. De fato, enquanto em uma obra terminológica a presença de nomes é quase exclusiva e a de verbos, adjetivos e locuções muito escassa, em um dicionário de língua geral encontram-se representadas todas as categorias da gramática: nomes, verbos, adjetivos, advérbios, artigos, pronomes, preposições e conjunções, e, inclusive, as interjeições. Assim, do ponto de vista da categoria gramatical de seu objeto, a terminologia e a lexicologia diferenciam-se de forma manifesta.

Ainda há outras perspectivas adicionais que reforçam o caráter diferenciado dos termos e palavras. As palavras não são meras unidades lingüísticas que, como se disse, podem ser descritas somente do ponto de vista do sistema da língua, mas também são unidades comunicativas (pragmáticas) que identificam o falante pela forma em que as utiliza em situações de expressão ou comunicação determinadas.

Podemos afirmar que os aspectos pragmáticos são os que melhor permitem diferenciar os termos das palavras. Pragmaticamente, termos e palavras distinguem-se *i)* por seus usuários; *ii)* pelas situações em que se utilizam; *iii)* pela temática que veiculam, e *iv)* pelo tipo de discurso em que costumam aparecer.

Na primeira questão, os usuários das palavras são os falantes de uma língua; os usuários dos termos de cada especialidade, pelo contrário, são os profissionais que se ocupam da disciplina em questão.

No que diz respeito ao segundo ponto, as palavras são utilizadas em situações comunicativas muito variadas; em contraste, os termos de uma especialidade costumam limitar-se ao âmbito profissional correspondente.

Em relação à temática, os repertórios de termos costumam ser utilizados para referir-se aos conceitos relacionados com a área de especialidade; os repertórios lexicais, para falar de qualquer tema da vida cotidiana, para expressar sentimentos e dar ordens, e, inclusive, para referir-se à própria linguagem.

Por último, os tipos de discurso em que se inserem as palavras não são tão delimitados quanto os que acolhem os termos. Estes últimos costumam aparecer em textos especializados, no discurso técnico-científico e em textos de caráter fundamentalmente objetivo.

c. Os objetivos teórico-descritivos

Terminologia e lexicologia podem também diferenciar-se em razão dos propósitos ou objetivos que uma e outra perseguem. A lexicologia,

considerada do ponto de vista da lingüística teórica, ocupa-se das palavras com o objetivo de dar conta da competência léxica dos falantes; a terminologia, no entanto, ocupa-se dos termos para fixar uma forma de referência.

Como já vimos, todo falante, independentemente da língua que utilizar, possui uma série de conhecimentos sobre a linguagem que fazem parte das capacidades cognitivas da mente humana e estão, portanto, condicionados geneticamente. Assim, cada língua particular leva a cabo uma realização específica destes princípios universais, ainda que as variações que apresente não se distanciem das margens restritas que permite a linguagem, entendida em sentido global. Deste ponto de vista, podemos dizer que as divergências entre línguas são tão só diferenças de tipo paramétrico: as línguas aplicam os mesmos parâmetros, mas os concretizam em margens de variação limitadas pelas possibilidades gerais de todas as línguas.

O objetivo essencial da lexicologia teórica é, como se disse, a descrição dos conhecimentos que os falantes possuem sobre as palavras, para chegar a uma explicação cada vez mais afinada do comportamento lexical desses falantes, e dos conhecimentos que devem ter sobre as palavras para expressarem-se do modo em que o fazem.

Em contraste com a lexicologia, a terminologia não pretende oferecer uma explicação dos termos na linha da lingüística teórica, nem descrever o comportamento terminológico dos especialistas; limita-se a contribuir com elementos teóricos — e princípios práticos — capazes de direcionar a busca, seleção e ordenamento dos termos próprios dos campos de especialidade, com a finalidade de normalizar sua forma e conteúdo.

Em conclusão, os objetivos da terminologia diferenciam-se claramente dos da lexicologia descritiva, já que em terminologia não se pretende explicar os conhecimentos que os especialistas possuem sobre os termos (e que evidentemente possuem, porque se não fosse assim não poderíamos explicar como eles usam os termos adequados de forma correta), mas sim identificar segmentos de uma realidade profissional especializada de forma unívoca. A elaboração de terminologia dirige-se, assim, a “denominar” os conceitos próprios de uma determinada matéria.

d. Os objetivos aplicados

Como prática, ou melhor, como disciplina aplicada, a terminologia distingue-se da lexicologia aplicada por sua metodologia, fundamentalmente no que se refere aos seguintes elementos: os dados que compila, o método de compilação, o tratamento dos dados e finalmente sua apresentação em forma de glossários.

A lexicografia é um ramo aplicado da lexicologia que se ocupa da elaboração de dicionários. A terminografia é o ramo da terminologia que se ocupa, também, da elaboração de dicionários especializados ou de glossários terminológicos.

Embora a comparação entre os aspectos pragmáticos e os objetivos perseguidos pela terminologia (a denominação e a normalização) e a lexicologia (a descrição) nos conduziu a diferenciar ambas as matérias, a análise comparativa da lexicografia e da terminologia prática (a terminografia) nos leva a uma situação mais confusa.

De fato, o processo de trabalho, tanto da lexicografia quanto da terminografia, conduz à compilação de unidades lexicais ou terminológicas em dicionários. Deste ponto de vista, pois, seus objetivos se confundem.

No entanto, lexicografia e terminologia diferenciam-se por outros vários aspectos, que fazem com que um dicionário de língua comum seja um produto diferente de uma terminologia especializada.

1. Em primeiro lugar, distinguem-se pelo método de trabalho que utilizam. Efetivamente, a metodologia de trabalho distinta que utilizam uma e outra disciplina também permite estabelecer diferenças entre a lexicologia e a terminologia. A lexicologia trabalha a partir de hipóteses teóricas, que refuta ou valida através da análise de amostras (não necessariamente representativas) de produções dos falantes; a terminologia, por sua vez, não explica nenhum comportamento, mas busca denominações para lacunas conceituais previamente estabelecidas.

A orientação do processo de trabalho em terminografia tampouco coincide com o da lexicografia. De fato, a confecção de um dicionário de léxico geral parte de uma lista de palavras que constitui o inventário das entradas de um dicionário. O lexicógrafo procede, em seguida, a descrevê-las semanticamente através da definição. O processo que se segue, pois, é de tipo semasiológico: passa da forma ao significado.

O processo de trabalho em terminologia é produzido em sentido completamente inverso. O terminólogo estabelece, em primeiro lugar, a lista de conceitos que faz parte de uma estrutura nocional, mais ou menos formalizada segundo as matérias. Os conceitos pertencentes a esta estrutura encontram-se inter-relacionados lógica e ontologicamente, e seu conjunto constitui o sistema conceitual de uma disciplina especializada. O terminólogo atribui, então, a cada lacuna conceitual uma determinada denominação, que corresponde à forma que utilizam efetivamente os especialistas quando se referem a um conceito da estrutura nocional. No caso de várias denominações confluírem para um mesmo conceito, procede-se — se for pertinente — à seleção de uma denominação,

descartando todas as demais, ou se aceitam várias soluções ao mesmo tempo, mas uma delas é declarada prioritária. Este processo, que em terminologia passa do conceito à denominação, é denominado processo onomasiológico.

2. Em segundo lugar, distinguem-se pela função do trabalho lexicográfico e terminográfico. De fato, se os aspectos lingüísticos dos dicionários já permitem estabelecer diferenças entre a terminografia e a lexicografia, o objetivo prioritário que se propõe o trabalho prático de uma e outra matéria contribui para separá-las ainda mais. Em terminologia, a elaboração de dicionários leva diretamente à normalização (no sentido de padronização) dos termos próprios de um determinado domínio especializado.

O trabalho terminológico não se limita a compilar as denominações de uma determinada área com uma finalidade informativa ou descritiva, mas persegue, além disso, o objetivo de fixar unidades terminológicas como formas normalizadas, como formas de referência que descartam as demais variantes para denominar um mesmo conceito. O objetivo final desta fixação é a consecução de uma comunicação profissional precisa, moderna e unívoca.

Em lexicografia geral, os dicionários normativos são, por sua função, o único tipo de dicionário que coincide parcialmente com a terminologia. No entanto, as palavras que uma obra normativa compila são as corretas segundo o critério de uma instituição acadêmica que lhes dá aval; em terminologia, as formas normalizadas são preferíveis porque assim estabeleceram seus usuários (os especialistas), organizados formalmente em comissões de normalização.

3. Em terceiro lugar, lexicografia e terminografia diferenciam-se pelos aspectos lingüísticos dos dicionários. Certamente, a elaboração de um dicionário é um processo que consta de distintas fases, em cada uma das quais o autor realiza uma série de escolhas que finalmente conduzem a tipos de dicionário muito diferentes. As obras terminológicas diferenciam-se das léxicas neste ponto, precisamente porque em algumas fases do processo são selecionadas determinadas possibilidades e outras, que se revelam como mais próprias dos dicionários de língua geral, são descartadas. Por exemplo, os terminólogos valem-se de documentação especializada, oral ou escrita, como única fonte de material; selecionam as entradas, que sempre são lexemas (embora compostas por uma ou mais palavras) em função da temática de trabalho; preservam somente as informações consideradas pertinentes em terminologia, e as preservam —

sobretudo na técnico-científica — seguindo ao máximo as normas internacionais.

A terminologia, se levarmos em conta que parte do conceito e que deste passa à denominação, necessita assegurar muito bem que denomina um objeto conceitual específico; por isso descreve exaustivamente esse objeto através da definição, privilegiando uma definição do conceito de caráter descritivo, e expressando, freqüentemente, as relações entre os distintos conceitos. A lexicografia, em sua descrição do léxico comum, é menos explícita nas características semânticas de cada palavra; fundamentalmente, interessa-lhe evitar definições idênticas, a menos que se trate de palavras em relação de sinonímia total.

A terminologia, ao ter como ponto de partida o conceito, freqüentemente pratica o ordenamento sistemático de suas entradas, diante do ordenamento alfabético realizado pela lexicografia. O ordenamento sistemático é, em si mesmo, a apresentação ordenada do sistema conceitual de uma matéria especializada. O ordenamento por conceito permite, além disso, uma apresentação mais adequada dos dicionários multilíngües, já que a noção especializada é, em teoria, única para todas as línguas, que se diferenciam somente pela forma de denominação.

A orientação internacional que a terminologia deve ter requer que a normalização de termos não defenda por princípio nem a pureza lingüística a qualquer preço, nem a internacionalização cega das formas gráficas das denominações. É tarefa dos terminólogos encontrar um ponto intermediário entre genuinidade e internacionalização.

II. TENDÊNCIAS

Não é fácil nem simples falar das tendências da terminologia na atualidade. O panorama da terminologia, inicialmente pouco complexo quanto à diversidade, tornou-se extraordinariamente complexa nos últimos anos. Essa complexidade baseia-se, na minha opinião, em alguns elementos chave:

- a. na existência de cada vez mais focos de difusão
- b. no reagrupamento multilateral das diferentes propostas em terminologia
- c. na priorização cada vez mais poderosa da reflexão teórica
- d. na crise dos fundamentos essencialistas da teoria considerada ortodoxa
- e. em sua presença no mundo universitário

Analisemos estes fatores: em primeiro lugar, a diversidade de focos. De fato, a terminologia, por ser uma matéria controlada desde seu princípio até os anos oitenta por uns poucos núcleos de influência e, além disso, de

interesse muito restrito a determinados âmbitos mais de prática que de reflexão, passou a ser uma matéria em auge, interessante como campo de reflexão e totalmente necessária como prática em um mundo como o atual, no qual o conhecimento técnico-científico democratizou-se com a generalização da educação e a presença dos meios de comunicação, e as necessidades de transferência de conhecimentos especializados são cada vez maiores. No entanto, poderíamos simplificar esta proliferação se, no lugar de focos, falarmos de eixos de influência. Efetivamente, se tomarmos como elementos de classificação a concepção básica da terminologia, as tendências dentro de cada concepção e as aplicações que a matéria gera, podemos estabelecer dois eixos de influência:

1. um eixo teórico, fundamentalmente acadêmico
2. um eixo prático, fundamentalmente administrativo e comercial

No que se refere às concepções, distinguimos duas posições fundamentais: a dos que consideram que a terminologia é uma disciplina (portanto, teórica e aplicada), e a dos que a consideram mera prática (ainda que sustentem — freqüentemente de forma repetitiva e trivial — que não está isenta de princípios teóricos). Aos primeiros interessa fundamentalmente a reflexão sobre as bases conceituais, a metodologia e as relações que a terminologia estabelece com outras disciplinas; aos segundos interessa fundamentalmente a produção, a rentabilidade e a eficácia.

Em relação às tendências internas que se dão em cada eixo, poderíamos estabelecer duas grandes tendências dentro das que concebem a terminologia como disciplina: a dos que defendem seu caráter lingüístico prioritário (para eles, os termos são signos da linguagem no sentido mais literal) e a dos que defendem seu caráter simbólico, que, portanto, transcende a linguagem (para eles, os termos são signos com valor semiótico, que incluem os que se realizam lingüisticamente ao lado de outros, materializados em formas não precisamente lingüísticas).

Finalmente, como prática (e não como uso) encaminhada a uma finalidade determinada, distinguiríamos três posições:

- A daqueles que se interessam por terminologia em função da normalização, dentro dos quais caberia ainda distinguir dois grupos em função de como se entende o termo *normalização*:
 - a do grupo dos que concebem a normalização como extensão do uso de uma língua especializada, portanto dentro de uma concepção monolíngüe,
 - a do grupo dos que concebem a normalização como padronização, dentro de uma concepção prioritariamente multilíngüe.

- A daqueles que se interessam por terminologia em função da comunicação, dentro dos quais também caberia distinguir dois grupos em função da terminologia ser para eles um meio direto ou indireto de comunicação.
- Finalmente, a daqueles que se interessam por terminologia como campo de análise e reflexão, que seria o caso dos lingüistas, ontologistas e lógicos.

Assim, pois, aplicando simultaneamente as três características anteriores, poderiam ser estabelecidos, como se disse antes, dois eixos na terminologia atual:

1. Um eixo teórico, desenvolvido no âmbito acadêmico, que concebe a terminologia como disciplina e que inclui as duas posições na concepção da natureza dos termos: a lingüística e a simbólica. Dentro da posição lingüística, caberia ainda diferenciar entre o grupo que trata a terminologia dentro da gramática, e o daqueles a quem só interessa a terminologia para o tratamento da linguagem natural.
2. Um eixo prático, desenvolvido sobretudo nos âmbitos administrativo e comercial, dentro do qual caberiam três coletivos:
 - a. o tradutorial, representado sobretudo pelos organismos internacionais,
 - b. o normalizador, representado por países que levam a cabo planos de normalização da própria língua, minoritária ou minorada no conjunto do estado ou no panorama internacional,
 - c. o padronizador, próprio, por um lado, das associações de normalização e de grandes empresas multinacionais; e, por outro, das atividades de documentação.

Neste panorama, os lingüistas ortodoxos, que nunca haviam considerado a terminologia como um objeto próprio, começaram a valorizar seu interesse como espaço de descrição e, ao longo do tempo, como peça chave de explicação da competência dos falantes. Paralelamente, os lingüistas aplicados entraram em cheio no campo terminológico, seja com a finalidade de contribuir para a resolução de necessidades comunicativas mono e plurilíngües (redação, interpretação, tradução, supervisão, edição), seja com o propósito de cooperar no tratamento da linguagem natural, como na confecção de dicionários.

III. APLICAÇÕES

Para enfocar globalmente o tema das aplicações em terminologia vamos partir do pressuposto de que a matéria serve, basicamente, para

duas finalidades: a *representação* e a *transferência*, sempre dentro do âmbito da realidade especializada.

1. Em sua função de *representação*, a terminologia serve a três tipos de disciplinas ou atividades:

- à documentação
- à engenharia lingüística e à lingüística computacional
- às especialidades basicamente técnico-científicas

Nos três casos, a terminologia estabelece com estas matérias uma relação de duplo signo: por um lado, serve como peça operativa para a documentação, para a engenharia lingüística e para as especialidades; por outro lado, serve-se delas para constituir seu objeto próprio de trabalho, para certificar-se de suas aplicações ou para organizar mais adequadamente o processo terminográfico.

De fato, no caso da documentação, a terminologia é um elemento chave para representar o conteúdo dos documentos e para chegar a eles. Os tesouros e as classificações são basicamente inventários terminológicos organizados tematicamente e controlados formalmente. Para a engenharia lingüística, a terminologia é a matéria para simular o conhecimento, cada termo constitui uma unidade conceitual, e o conjunto dos termos de um âmbito representa a organização conceitual da realidade deste âmbito; em contrapartida, a terminologia serve-se da engenharia lingüística para organizar e facilitar o processo de trabalho, para armazenar a informação terminológica, e, inclusive, para construir um posto de trabalho terminográfico adequado aos avanços das tecnologias da informação e da comunicação. Finalmente, a terminologia serve às distintas especialidades para representar o conhecimento de maneira organizada (em forma de manuais ou glossários) e para unificar o conhecimento (em forma de normas e padronizações), enquanto que as especialidades proporcionam à terminologia sua própria razão de ser, o objeto de seu estudo: os termos que, sem sua inserção nas especialidades, perderiam seu valor terminológico.

2. Em sua função de *transferência*, a terminologia serve fundamentalmente à comunicação direta, à mediação comunicativa e à planificação lingüística. De fato, a terminologia é peça chave dos especialistas, que sem os termos não poderiam expressar nem comunicar seus conhecimentos, além da função organizadora e representativa do pensamento especializado que já lhes atribuímos na parte da representação. A terminologia é, para os especialistas, a base do pensamento especializado.

A terminologia serve também à comunicação indireta, melhor denominada mediação lingüística, por meio das atividades que levam a

cabo os assessores lingüísticos, redatores, intérpretes e tradutores, por um lado, e, por outro, os jornalistas e profissionais dos meios de comunicação.

Em terceiro lugar, a terminologia é uma das peças indispensáveis à normalização plena de uma língua, já que sem terminologia a língua em questão não seria apta para os usos especializados, tão importantes quanto indispensáveis na civilização de hoje. Uma língua sem terminologia própria não pode ser, no mundo atual, uma língua de cultura. Por isso, os países que levam a cabo planos de normalização das línguas próprias incluem necessariamente entre suas atuações o aspecto das linguagens especializadas e, em seu seio, a terminologia.

Como síntese da exposição que acabamos de fazer sobre as aplicações da terminologia, é interessante destacar que os coletivos profissionais interessados pela terminologia, por uma ou outra razão, seriam os documentalistas, os lingüistas, os especialistas, os mediadores e os planificadores. Mas, além do interesse profissional, também os indivíduos comuns, habitantes de um mundo que se caracteriza pela difusão da informação, pela extensão do conhecimento e pela vulgarização do saber especializado, necessitam imperiosamente da terminologia para se movimentarem em sociedade, para participarem do processo do progresso e, em suma, para se sentirem habitantes do mundo avançado.

IV. CONCLUSÃO

E, para terminar, deixem-me aproveitar o panorama interuniversitário deste seminário para analisar muito superficialmente (já que suponho que os representantes das diferentes línguas vão tratar deste tema de maneira mais detalhada) o panorama da terminologia na Espanha em suas diversas línguas e lançar, em seguida, algumas propostas para o futuro.

Em primeiro lugar gostaria de destacar o fato óbvio de que o desenvolvimento da terminologia na Espanha é, sem sombra de dúvida, muito irregular, que os níveis de interesse pela terminologia alcançados em algumas comunidades autônomas são evidentemente superiores aos de outras. De fato, não há dúvida de que a importância institucional que os governos da Catalunha e do País Basco deram à terminologia catalã e basca é muito superior à que o governo do Estado deu, não à terminologia das diferentes línguas da Espanha, mas à terminologia castelhana. Este desnível obedece a razões lógicas. Desde o começo das autonomias, a aprovação de planos de normalização das línguas históricas, que deveriam recuperar longos anos de silêncio oficial, levou conseqüentemente a um interesse importante pela terminologia. A ciência e a técnica, ainda que

minoritariamente ensinadas e redigidas em catalão ou em basco (não tanto em galego), não haviam podido ser as línguas naturais desenvolvidas ao ritmo do progresso científico. Era necessário, pois, recuperar o tempo perdido; modernizar e atualizar as linguagens específicas, e, com elas, a terminologia especializada. Para isso, a iniciativa oficial na Catalunha e a iniciativa privada no País Basco (mais tarde retomada pelos organismos oficiais) conduziram à criação de organismos centrais de planificação, coordenação, normalização e difusão da terminologia catalã e basca, com maior ou menor sorte. O alto nível de interesse pela terminologia como campo de reflexão e de trabalho conduziu, nestas comunidades, a uma organização mais ou menos sistemática do trabalho e a um nível importante de oferta de formação, sobretudo de nível universitário. Poderíamos dizer que o grau de interesse pela terminologia foi e vem sendo diretamente proporcional ao sentimento de disponibilidade de terminologia especializada (e observem que não falo tanto da disponibilidade real quanto da consciência de disponibilidade). A língua castelhana, segura de sua estabilidade, não vem sendo objeto de organização, no que se refere aos termos especializados, como vem acontecendo com o catalão e o basco. Isso não significa afirmar que não se tenha trabalhado em terminologia castelhana; nada mais longe de nossa intenção se, além disso, temos em mente iniciativas oficiais como a publicação do *Gran Diccionario de la Ciencia y la Técnica* da Real Academia de Ciências, atualmente em fase de nova edição atualizada, ou a história terminológica do CSIC, sobretudo através do grupo de terminologia do ICYT, dirigido por Amélia de Irazzábal. Mas mesmo que se tenha realizado um excelente trabalho terminológico, não por isso devemos esquecer que a terminologia na língua castelhana está ainda por ser organizada de maneira sistemática, e parece que corresponderia aos organismos oficiais e acadêmicos levar a cabo um projeto tão necessário.

Em segundo lugar, desejaria dizer que a elaboração de um plano geral de terminologia na Espanha requereria atuar inicialmente em dois âmbitos distintos: no âmbito da terminologia espanhola com inclusão das diferentes línguas do país, e no da terminologia espanhola em língua castelhana. Os dois âmbitos mereceriam uma atenção específica, não unicamente do ponto de vista político, mas também científico e organizador. De fato, ainda que assumir as competições nas línguas próprias seja responsabilidade dos governos autônomos, não por isso, acreditamos, que o governo do Estado deva desresponsabilizar-se pelo plurilingüismo de seu território, e, portanto, deve assumir o papel de coordenador dos esforços e iniciativas surgidas nas diferentes comunidades, ao mesmo tempo que deve assumir, também, uma certa co-responsabilidade pelo financiamento das atividades lingüísticas no conjunto do Estado.

Em terceiro lugar, penso que é necessário ressaltar que uma planificação da terminologia espanhola na língua castelhana não pode se isolar das atividades terminológicas que outros países hispanófonos realizam, concretamente os da América Latina. De fato, Chile, Venezuela, Argentina, Peru, Cuba, Uruguai e Colômbia (para citar só os mais representativos no tema) iniciaram, há uma boa década (a Venezuela ainda antes desse período) sua caminhada terminológica, com maior ou menor sistematicidade, com mais ou menos sucesso. A criação em 1988, em Caracas, da Rede Ibero-americana de Terminologia (RITerm), que agrupa países de língua espanhola e portuguesa, e o impulso que estes países recebem da União Latina no sentido tanto de suporte financeiro quanto de fio de interconexão, são dois fatores que contribuíram decisivamente para situar as atividades terminológicas na América Latina em um caminho de ascensão em interesse e qualidade.

Em quarto lugar, não podemos nos esquecer de que a Espanha faz parte, no sentido pleno, da União Européia e que, em consequência, a terminologia espanhola não pode desentender-se da terminologia das línguas da União pelas necessidades de intercâmbio cultural, comercial e comunicativo que realiza, nem se isolar das características idiossincráticas dos países industrializados. Por isso, uma concepção da terminologia espanhola em termos estritamente monolíngües seria aproximar o país de um isolamento estéril. A terminologia espanhola deve ser, em nossa opinião, plurilíngüe de portas para dentro, e plurilíngüe em direção ao exterior, e, com isso, dar mostras do reconhecimento da diversidade e do respeito pelo uso das diferentes línguas.

E com esta análise, deixem-me manifestar, para terminar, que me interessa mais o futuro que o passado; que mais que descrever competitivamente o que cada um tem, prefiro colocar as bases para estimular uma cooperação eficaz da terminologia na Espanha, cooperação que necessariamente deve guardar dois princípios: o reconhecimento da diversidade e o respeito pela diferença; e, conseqüentemente, deve agir de acordo com dois fatores: reconhecer o que cada um construiu, e aproveitar construtivamente o mais conveniente em cada caso. Uma atuação otimizada em terminologia supõe, inicialmente, partir do que cada língua possui, tanto no sentido dos recursos terminológicos que cada qual desenvolveu, quanto dos conhecimentos que se adquiriram ao longo dos dez últimos anos. Porque nem tudo o que se apresenta verbalmente e parece ser magnífico o é em realidade, nem os conhecimentos adquiridos são estáticos. A terminologia hoje é uma área em ebulição, que muda com o progresso das disciplinas que a compõem e às quais serve. Se há dez anos desenvolver um banco terminológico estava na crista da onda, hoje em

dia é uma idéia totalmente obsoleta com o progresso da lingüística de corpus. Se há dez anos um determinado modelo, inspirado sobretudo no de Quebec, serviu para organizar a terminologia catalã, atualmente este modelo já não pode dar conta da diversidade e autonomia das atividades terminológicas na Catalunha por ser excessivamente centralizado. Os modelos organizadores servem até um determinado ponto e devem estar em constante revisão. Muitos grupos de trabalho terminológico na Catalunha alcançaram já sua maturidade e, em muitos casos, ultrapassaram as fronteiras das propostas oficiais em terminologia; para eles, um controle administrativo excessivo não só coloca barreiras em seu desenvolvimento mas faz abortar iniciativas de progresso. Um centro coordenador para a terminologia deve ser fundamentalmente coordenador, impulsionador de iniciativas, mais que representativo, mais que controlador das mesmas; compilador e difusor das idéias que vão surgindo nos grupos ativos de trabalho, mais que representativo de alguns valores imanes, impostos pela força da autoridade administrativa.

Os tempos mudam cada vez com maior rapidez e cada época tem seu signo específico.

Porque acredito efetivamente na revisão constante, e penso que a autonomia do trabalho científico deve prevalecer sobre o controle, porque considero que não se deve confundir a coordenação de atividades com a perda de liberdade científica e a subordinação, e porque sigo de perto, há bastante tempo, o panorama terminológico das diferentes línguas da Espanha e do espanhol na América Latina, permito-me hoje a liberdade, que talvez alguns consideram excessiva, de propor que nós, que desejamos um desenvolvimento racional, coordenado e equitativo da terminologia na Espanha, em lugar de nos deixarmos impressionar por modelos que hoje já resultam insuficientes em suas comunidades de origem, trabalhemos sobre novos modelos organizadores em rede, com responsabilidades compartilhadas, para cooperar sem controles de poder, mas de forma coordenada, a impulsionar o estudo, a reflexão e o trabalho da terminologia na Espanha, nas diferentes línguas da Espanha em favor de uma idéia compartilhada de progresso.

Referências Bibliográficas:

- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (1923). *The meaning of meaning*. Londres: Routledge.
- Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales. (1990). *Vocabulario científico y técnico*. Madrid: Espasa-Calpe.

WÜSTER, E. (1971). "Begriffs- und Themaklassifikationen. *Nachrichten für Dokumentation*. 22/3. 98-104; 22/4. 143-150.

TEORIA SOCIOCOGNITIVA DA TERMINOLOGIA¹

Rita TEMMERMAN²

Tradução: Natacha Enzweiler³ e Luzia Araújo⁴

Revisão: Talia Buge⁵

Seria ingenuidade exigir o conhecimento prévio de conceitos, pois só podemos ter acesso a eles por meio de seus nomes, exceto quando de sua formação inicial, que é privilégio exclusivo de um descobridor, de um inventor ou de um teórico que formula hipóteses. (Rey 1995)

Não palavras para coisas mas sim palavras que são coisas vivas com o poder de (se)transformar. (Winterson 1994)

Introdução

Neste artigo questionamos os princípios da teoria tradicional da terminologia, examinamos a possível relevância de alguns *insights* e metodologias da semântica cognitiva para a terminografia e apresentamos o resultado de nossa busca por uma teoria geral da terminologia.

¹ Traduzido com a permissão da autora a partir do texto em inglês "Sociocognitive theory of terminology", publicado em Cabré, M.T. y J. Feliu (orgs.), *Terminología y Cognición – II Simposio Internacional de Verano de Terminología (13-16 de julio de 1999)*, Barcelona: IULA/UPF, pp. 75-92.

² Departamento de Linguística Aplicada, Erasmushogeschool Brussels, Bélgica.

³ Ex-aluna do curso de Bacharelado em Letras – Tradução, Instituto de Letras, UFRGS.

⁴ Tradutora, Bolsista RD-CNPq e professora colaboradora, Instituto de Letras, UFRGS.

⁵ Tradutora, aluna de doutoramento. Universidade de Illinois, EUA.